

Anuário de Literatura

Volume 15

Número 02

NATALIA GINZBURG:
O CONFINAMENTO COMO
EXPERIÊNCIA DE GUERRA E DE
ESCRITA

Sara Debenedetti
Doutoranda em Literatura - FFLCH-USP

**NATALIA GINZBURG:
CONFINEMENT AS WAR AND WRITING EXPERIENCE**

RESUMO: No panorama da literatura italiana do pós-guerra, sobressai a figura da escritora Natalia Ginzburg. Criada em Turim, no meio antifascista, viveu a resistência ao fascismo desde seu início. À eclosão da guerra, tinha acabado de começar seu “ofício” de escritora. É ao longo dos três anos vividos no confinamento em Abruzzo que Natalia escreve e publica (sob pseudônimo) seu primeiro romance. Desta experiência, ao mesmo tempo de guerra e de escrita, ela escreve em alguns ensaios - *Inverno in Abruzzo* (1944), *Il figlio dell'uomo* (1946), *Il mio mestiere* (1949) –, mas deixa também rastros nas cartas que escreve, entre as quais aquelas para uma amiga de infância, naquela época refugiada na Suíça. Nestas cartas, Natalia expressa sua solidão, saudade e estranhamento do confinamento, além de compartilhar com a amiga – apesar da distância– as dúvidas e reflexões sobre suas obras. Entre as cartas e os ensaios existem semelhanças e diferenças, objetos de nossa análise.

PALAVRAS-CHAVE: confinamento; carta; escrita.

ABSTRACT: In the post-war panorama, a name stands out in the Italian literature scenario: Natalia Ginzburg. Born in Turin, among antifascists, she experienced its opposition from the beginning. When the war broke out in 1939, she had just started her writing career. During three years of confinement in Abruzzo, Natalia wrote and published, under a pseudonym, her first novel. She wrote several essays about this war and writing experience – *Inverno in Abruzzo* (1944), *Il figlio dell'uomo* (1946), *Il mio mestiere* (1949) – and letters, some of which were directed to a childhood friend (at that time a refugee in Switzerland). In these letters the author expresses her loneliness, yearning, and strange feeling of confinement, besides sharing with her friend doubts and reflections upon her work. The similarities and differences between the essays and these letters are the subject of our analysis.

KEYWORDS: confinement; letter; writing

No panorama da literatura italiana do pós-guerra, sobressai a figura da escritora Natalia Ginzburg (nascida Natalia Levi), cuja experiência de vida e de escrita se inscreve nos temas do *I Colóquio Internacional: Itália do pós guerra em diálogo*, isto é, o que resta da experiência-limite do pós-guerra; como esta é lembrada e narrada; como história e literatura se cotejam e - neste caso particular do pós-guerra – como a literatura se alimenta da História e de histórias daqueles quotidianos que tanto sofreram mudanças durante os anos da II Guerra.

Esta breve comunicação espelha a escrita privada e pública da escritora Natalia Ginzburg durante o seu exílio.

Criada em Turim, no ambiente antifascista ao qual pertenciam intelectuais e escritores como Norberto Bobbio, Leone Ginzburg, Giulio Einaudi, Carlo Levi, Cesare Pavese – alguns deles judeus como ela –, Natalia Ginzburg viveu a resistência ao fascismo desde seu início, “para uns a guerra só iniciou com a guerra, com as casas destruídas pelos bombardeios e com os alemães, mas para outros iniciou antes, desde os primeiros anos do fascismo” (GINZBURG, 1962, p. 71). Durante esses anos, o pai, os irmãos, os amigos de Natalia foram presos por contestar esse regime.

No início da guerra, na Itália, em 1940, Leone Ginzburg (que havia se casado com Natalia) é exilado em Pizzoli, pequena cidade de Abruzzo. Natalia se une a ele, alguns meses depois, com os dois filhos do casal. Em Turim, deixa família, amigos e sua recente “profissão” de escritora. No

entanto, muitos de seus amigos e seus irmãos já não moravam em Turim, pois eles também estavam exilados ou refugiados alhures para fugir do fascismo e das perseguições. Assim a vida usual junto ao marido e os filhos, a lenta passagem das estações em Abruzzo, o isolamento devido à guerra e à ansiedade de poder continuar escrevendo e publicando, tornam-se objeto de seu pensamento e o assunto de seus escritos. Sobre esta experiência do confinamento e da escrita ela redigirá, alguns anos depois, os ensaios *Inverno in Abruzzo* (1944), *Il figlio dell'uomo* (1946). Na sua obra literária encontram-se rastros das cartas que escreveu aos amigos, durante seu exílio. Entre esses amigos com quem trocou correspondências está Bianca, uma amiga de infância então refugiada na Suíça. Escrever cartas íntimas em tempo de guerra torna-se para Ginzburg seu meio de contato com o mundo.

Vejamos a seguir alguns trechos que permitem uma reflexão sobre o que Natalia Ginzburg escreve e como escreve durante ou logo após a guerra, além de uma comparação temática e estilística entre as cartas enviadas à amiga Bianca e os ensaios publicados poucos anos depois.¹

30 de março de 1941

[...] Faz alguns dias que estou muito mal- humorada, tua carta me serenou bastante. [...] Espero que tornes a escrever. Eu também te escreverei ainda. [...] preciso muito de um pouco de companhia. Não sei quando voltaremos para Turim. A coisa como podes bem entender, não depende de nós. Imagino que aqui ficaremos até o fim da guerra. (Ginzburg, I)

¹ As citações das cartas – de propriedade da autora do presente texto – serão feitas em itálico. O número entre parênteses se refere à ordem cronológica suposta das cartas.

Lemos no ensaio *Inverno in Abruzzo*: “Alguém às vezes perguntava: «Quando vocês voltam para casa?» Meu marido respondia: «Quando a guerra tiver findado» «E quando vai terminar? Tu que tudo sabes e és professor, quando findará?» (GINZBURG, 1962, p.14). Não há resposta. Continua na mesma carta:

[...] gostaria de passear contigo e conversar muitas coisas. Seria tão bom que não quero pensar demais nisso, para não sentir saudade demais. Aqui aprendi muitas coisas: aprendi a acender o fogo, discriminar entre lenha boa e má, aprendi diferenciar porcos florentinos dos peruginos, aprendi como se tosam os burros quando acaba o frio. Fico com as crianças nos campos, levando-as para casa à noite, jantamos, e elas vão dormir: depois, frequentemente tento escrever algo, ou traduzir, diariamente. [...] Escreve. Cada carta tua parecerá coisa rara. [...] Escreve ainda bastante. (Ginzburg, I)

Esta carta sublinha a necessidade de Natalia de manter contato epistolar com a amiga, em um momento no qual todos os contatos e as comunicações são difíceis ou, em certos casos, impossíveis. Ela, confinada, fica longe de todos; neste desterro a vida é tão diferente daquela vida costumeira na cidade. Surge também um esboço de vida cotidiana, que nos remete ao ensaio *Inverno in Abruzzo*: “Nas cozinhas, o fogo estava aceso e havia várias espécies deles, grandes fogos com ramos de carvalho, fogos de galhos e folhas e fogos de raminho seco coletados no caminho. Era fácil perceber quem era pobre e quem era rico, olhando para a lenha queimando [...]” (GINZBURG, 1962, p.13).

Sem data

Estou muito feliz em receber tuas cartas, deveras companheiras. Fica então bastante fácil imaginar tua vida, reconstruir teu dia-a-dia, na cidade que conheço, e que lembro bastante bem. Demorei em responder-te porque estou escrevendo um conto. Talvez o recebas quando estará terminado. Trabalho nele há cinco noites, desde quando as crianças dormem, isto é das nove, até uma ou duas da manhã. Escrevo na sala de jantar, em cujo forro está retratada uma águia. Durante todo o dia fico esperando a noite, para continuar escrevendo. O conto chama-se “Mio marito” e deverá ser bastante comprido. [...] O receberás quando estiver concluído. (Ginzburg, IV)

Nesta carta lê-se o carimbo VERIFICADA PELA CENSURA 244.

Ali é retomado o tema da primeira carta, a necessidade de companhia e de troca de notícias e pensamentos que permitam, mesmo à distância, construir durante a guerra uma vida “normal”. A sala, ao redor da mesa, é o lugar onde passa seus dias de inverno e escreve. Relevantes os temas da nostalgia e isolamento devidos ao exílio. Todos estes temas se encontram, semelhantes, no ensaio *Inverno in Abruzzo*:

Quando começava a cair a primeira neve, lenta tristeza tomava conta de nós. Era um exílio, o nosso: nossa cidade estava longe, e distantes também estavam livros, amigos, várias vicissitudes e mudanças de existência verdadeira. Acendíamos nosso fogão verde à lenha, cujo longo escapamento passava através do forro; a gente se reunia no ambiente aquecido dali, se cozinhava e se comia, meu marido escrevia na grande mesa oval, as crianças esparramavam seus brinquedos pelo chão. No forro da sala existia uma pintura que representava uma águia; ao olhá-la ficava a cismar sobre o exílio. O exílio era a águia, era o ruído

do fogão verde, eram os vastos e silenciosos campos cobertos de neve imóvel. (GINZBURG, 1962, p.14)

Nas próximas cartas, assinalamos suas perguntas, afirmações, pensamentos acerca de seu “mestiere”, que naquele tempo era de mãe e de escritora.

Sem data

Estou muito agradecida e muito, muito contente. Quem sabe, outros contos poderão ser publicados, a seguir. Tu vais recebê-los todos aos poucos, amanhã vou copiá-los porque tenho apenas um exemplar de cada para mandá-los tão longe. Vou copiá-los e mandá-los. [...] Agora estou escrevendo um conto, ainda sem título. Parece ser longo. Rosina leva as crianças passear à tarde e assim posso trabalhar não apenas à noite. À noite trabalho até tarde e estou cansadíssima. (Ginzburg, II)

No ensaio *Il mio mestiere*, lemos: “Escrevi um longo conto, o maior que escrevi até hoje. [...] Escrevia à tarde, quando meus filhos passeavam com uma moça da aldeia, escrevia jubilosa e ávida, era um belíssimo dia de outono e eu me sentia cada dia tão feliz. “(GINZBURG, 1962, p.84) A possibilidade de publicar, desejo e possibilidade de continuar escrevendo, mesmo em seu novo papel de mãe e de exilada, a tornam feliz. Vida de mãe e de escritora cansa. A profissão de escritora cansa. No mesmo ensaio, Ginzburg diz acerca de escrever: “Descobri então que cansa escrever seriamente. Não cansar é mau sinal.” (GINZBURG, 1962, p.79)

Sempre a esse respeito, numa carta posterior, lemos:

Sem data

Justamente agora, escrevi uma poesia. Vou mandá-la para ti. Sei que não vale nada. Estava guardando roupas quentes e aí ela veio à minha mente. (Ginzburg, VII)

A referência à poesia que aparece enquanto guarda as roupas de frio nos remete ao seu aprendizado sobre como conciliar os papéis de mãe de família com o de escritora. Tornará a escrever assim: “Fazendo o molho de tomate e a semolina, pensava em que escrever.” (GINZBURG, 1962, p. 84)

Seguem cartas em que predominam o pensamento sobre “sua profissão” e a preocupação por não poder acompanhar, ela mesma, os caminhos que levam à publicação e tradução dos seus escritos, e à leitura das críticas, e até a falta de máquina de escrever que permitisse fazer cópias. Às dificuldades da entrada numa carreira, juntam-se as agruras da guerra.

Sem data

Agradeço tuas cartas e por ter passado meu conto para muita gente, como eu desejava. Como já te disse, padeço por não poder passá-lo pra ninguém, vivo ávida pelas opiniões, boas ou más. Agradeço-te por ter feito isso por mim.[...]

Estou felicíssima que tenhas gostado de “Mio marito”. [...] Mandei também uma cópia para Cesarino [provavelmente Cesare Pavese], mas não sei se ele vai gostar. Por favor, divulgue-o, para que muita gente o leia, sem perturbar ninguém, naturalmente. [...] A opinião mais grata foi da tua mãe, porque era justamente o que queria que alguém dissesse (aquilo que esperava que fosse semelhante). [...] Sinto por não possuir máquina de escrever. Minha caligrafia piorou, não sei o porquê. [...] Seria bom [...] talvez procurar alguma boa revista

literária suíça em língua alemã, que pudesse eventualmente publicar a tradução de “Mio marito”. (Ginzburg, V)

Mesmo na carta seguinte, os temas se repetem. É possível perceber que a interlocutora das cartas, vivendo e trabalhando em Genebra, podia continuar ajudando Natalia. É insistente, também, o tema da saudade.

22 de julho [1942?]

[...] Se fores tu a tradutora de meu conto, eu ficarei muito contente. [...] Ainda uma vez te agradeço pelo que fazes por mim. É inútil que te diga que todas essas coisas me parecem maravilhosas, extraordinárias. [...] Uma coisa quero que saibas: não acredites que escrevo improvisadamente, por acaso, porque me sinto sozinha. Não, senti muito tua falta logo que percebi que seria longa. Então comecei a sentir saudade. [...] agradeça Ziegler por mim. Parece um sonho que o conto seja realmente publicado! Principalmente as “serias qualidades de escritor” me encheram de felicidade. (Ginzburg, VI)

Sem data [1941?]

[...] Será que nós poderemos nos reencontrar alguma vez? Parece que passou um século desde nosso último encontro. [...] Estou escrevendo um longo conto, quase um romance, talvez. Seu título é “La strada che va in città”, que receberás quando estiver pronto. Nunca dantes escrevera um conto tão comprido e tão cheio de gente. Aos poucos vou apreendendo como fazer. Escrevo trechos, depois passo a limpo, corrigindo e remodelando aqui e ali. Deito-me à meia noite, à uma, às duas. Mas agora posso escrever de dia também, enquanto as crianças estão fora. Após o jantar, crianças na cama, mesa arrumada, sento com as folhas e cigarro por perto e Leone, diante de mim, trabalha também. Às vezes me deito tão entusiasmada, que perco o sono.[...] Depois o dia começa com o banho das

crianças, vesti-las, penteá-las, levá-las para passear, almoço e janta para inventar, e comprar tomates. De manhã chegam cartas com notícias de fora, de gente que vive diferente de nós, com outros problemas. (Ginzburg, VII)

Eis Natalia informando a amiga do seu desenvolvimento como escritora, sobre o qual vai narrar, com plena consciência, alguns anos depois, no ensaio *Il mio mestiere*:

Agora não desejava mais escrever como homem, porque tivera filhos e parecia saber tantas coisas sobre molho de tomate e mesmo se não constavam no conteúdo da narrativa, eram úteis para mim no meu ofício: de modo misterioso e remoto isto também servia para minha profissão. (GINZBURG, 1962, p.84 e 85)

O texto sobre o qual fala, *La strada che va in città*, é publicado no mesmo ano de 1942, sob pseudônimo de Alessandra Tornimparte. É seu romance de estréia, sobre o qual Natalia conta na introdução:

Flutuava na minha cabeça o mês de setembro, o setembro dos campos de Abruzzo, o tempo seco, quente e calmo, a terra que vai se avermelhando e as colinas também, e flutuava em mim a saudade de Turim. [...] Meus personagens eram pessoas da aldeia, que via pela janela e encontrava pelos caminhos. Sem serem chamados nem requisitados, entravam na minha história: [...] Porém neles se misturavam, sem serem convocados, meus amigos e parentes mais íntimos. A cidade era ao mesmo tempo Áquila e Turim. A aldeia era aquela amada e odiada, onde eu residia há mais de um ano. (GINZBURG, 2000, p. X e XI)

O crítico Silvio Benco foi o primeiro a falar sobre seu romance *La strada che va in città*. Ele logo evidenciou a “pulsção do real” na sua narrativa e acrescentou que a prosa desta autora era um exemplo de como “a realidade é infinitamente mais rica que a fantasia” (BENCO, em GARBOLI, 2001, p. 1582, 1583). Benco nem tinha ciências que se tratava de Natalia Ginzburg, uma vez que sua crítica foi feita logo depois da publicação, a qual, como foi dito, ocorreu com o pseudônimo de Alessandra Tornimparte.

Volta, no fim da carta, o cotidiano de Natalia, sublinhado pela chegada das cartas que por si só permitem o contato com o mundo e, portanto, sossegando um pouco a saudade.

4 de março [1942?]

Vivo totalmente no escuro: aqui o correio é moroso, nem todos escrevem, e fica em mim a impressão de estar excluída do mundo. Assim que eu souber alguma coisa, tu verás: tenho uma certa confiança, acompanhada de muitas incertezas. [...]
(Ginzburg, VIII)

Quando sua amiga Bianca parece ter perdido tanto o trabalho, quanto a moradia, em Genebra, Natalia a convida para Pizzoli.

19 de abril 1943

[...] Eu gostaria que viesses, porque assim não me sentiria tão sozinha, Leone trabalha muito, e eu estou tão sozinha. Seria muito boa tua companhia. Precisamos também procurar comida, verduras, etc. Aqui não há lojas. É uma pequena aldeia. Devo confessar que não podemos tomar banho porque não há banheiras: nem cabeleireiro. Para estas coisas é preciso

ir à cidade. Cinemas não existem. Muita pedra que estraga os calçados. (Ginzburg, IX)

Nas últimas semanas:

Não estou vivendo dias felizes, [...] O que é lamentável é sentir-se isolada do mundo, como acontece aqui. Às vezes é bom, mas outras é horrível. Se a gente vai para Áquila, pior ainda, porque alguém, eu pelo menos, procura o que é costumeiro ter (livros, cinema etc.) e não encontra nem ao menos uma mera sombra daquilo que se conhecia, e ao mesmo tempo está tão distante.

[...] Aqui talvez principiou a primavera. (Ginzburg, VIII)

Nestas últimas cartas Natalia insiste sobre o sentimento de solidão devido ao confinamento, e sobre a nostalgia que o início da primavera reacende. Escreverá em *Inverno in Abruzzo*:

Em nós crescia a nostalgia diariamente. Às vezes era quase prazerosa, como uma companhia tenra e ligeiramente inebriante [...] às vezes a saudade se tornava aguda e amarga. [...] O fim do inverno acordava em nós uma inquietação. Talvez alguém viesse nos visitar. Algo talvez teria finalmente acontecido. Nosso exílio deveria terminar um dia. Os caminhos que nos separavam do mundo pareciam mais breves: o correio chegava mais amiúde. Todas nossas frieiras saravam devagar. (GINZBURG, 1962, p. 15, 18)

Àquela primavera e àquele verão não se seguiram outro inverno em Pizzoli. Com a queda de Mussolini, foi revogado o confinamento. Leone

Ginzburg foi para Roma, iniciou atividade clandestina, e a esposa se juntou a ele com os filhos alguns meses depois. O marido foi preso vinte dias após a chegada dela, Natalia nunca mais voltou a vê-lo.

Sobressai, ao longo desta escolha de textos, como frequentemente as cartas e os ensaios contam o mesmo instante vivido. Mas enquanto a carta colhe com o tempo presente o fluir da vida e com o futuro expressa a espera e a esperança de um tempo melhor, que abrande a saudade, a prosa autobiográfica dos ensaios - com o tempo imperfeito - colhe a lembrança, a memória de um tempo passado que era melhor: “Então eu acreditava em um futuro fácil, e feliz, pleno de desejos satisfeitos, de experiências e realizações comuns. Mas era aquele o melhor tempo de minha vida e somente agora que me escapou para a sempre, apenas agora eu sei.” (GINZBURG, 1962, p. 19)

Passado e presente são os dois trilhos sobre os quais corre toda a narrativa de Ginzburg, desde sua estréia. Esta narrativa, como diria o crítico literário Giulio Ferroni sobre as narrativas femininas do período pós-guerra, penetra nas “dobras da realidade”, focalizando a concretude da existência e, particularmente no caso de Natalia, a vida familiar (FERRONI, 2005). Nos ensaios tratados, a vida familiar está especialmente ligada ao ambiente e ao momento histórico.

O crítico Cesare Garboli aprecia seus ensaios porque estes sempre estão unidos à sua “vocação autobiográfica, narrativa e narrativo-epistolar” (GARBOLI, 2001). Os ensaios aqui apresentados constituem uma narrativa

autobiográfica, e confirmam as teses desses estudiosos acerca da obra literária de Natalia Ginzburg.

As semelhanças entre algumas frases das cartas e algumas frases dos ensaios publicados nos levam a sustentar a tese que a narrativa de Ginzburg destes primeiros ensaios se nutre de sua memória, mas também que aqueles momentos vividos foram particularmente significativos. A esta escrita de tipo autobiográfico de Ginzburg se aplica a observa o de George Gusdorf, o qual, em sua obra *Auto-bio-graphie* (1991) afirma: “A escrita da vida transforma a vida em texto” (GUSDORF, 1991, p. 140).

A experiência vivida durante o confinamento torna-se, para Ginzburg, experiência da realidade e de sua essência. A mesma autora, naquela época, quando escreve o ensaio *Il figlio dell’uomo*, que resume as consequências da guerra sobre a gera o dela, afirma: “Não entendem nossa atitude diante da realidade. Nós estamos próximos da essência das coisas. É o único benefício que a guerra nos deu.” (GINZBURG, 1962, p. 70)

REFERÊNCIAS

- FERRONI, Giulio. *Storia e testi della letteratura italiana*. Torino: Einaudi, 2005;
- GARBOLI, Cesare. “Fortuna critica”. In GINZBURG, N. *Opere*. Milano: Mondadori, 2001;

GINZBURG, Natalia. “Il figlio dell’uomo”. In *Le piccole virtù*. Torino: Einaudi, 1962;

_____. “Il mio mestiere”. In *Le piccole virtù*. Torino: Einaudi, 1962;

_____. “Inverno in Abruzzo”. In *Le piccole virtù*. Torino: Einaudi, 1962;

_____. *La strada che va in città*. Torino: Einaudi, 2000.

GUSDORF, George. *Auto-bio-graphie. Ligne de vie 2*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1991.